

sinopse No decurso do julgamento a que foi submetido em 1989 e que culminou com a sua condenação, e a da sua mulher, à morte, Nicolae Ceausescu revê a sua carreira e o seu lugar no poder durante mais de duas décadas. A obra mostra a ascensão e queda de um dos mais carismáticos e megalómanos líderes da história do comunismo, tentando antever o momento em que o homem se perde nos ideais para se transformar num monstro.

Um documentário de Andrei Ujica ("Videograms of a Revolution", "Out of the Present"), produzido durante quatro anos a partir de mais de mil horas de imagens de arquivo.

ficha técnica

Título original: Autobiografia lui Nicolae Ceausescu (Roménia / Alemanha, 2010, 179 min)

Realização e Argumento: Andrei Ujica

Produção: Velvet Moraru

Fotografia: Vivi Dragan Vasile RSC

Montagem e Som: Dana Bunescu

Estreia: 25 de Agosto de 2011

Distribuição: Clap Filmes

Classificação: M/12



A propaganda no seu próprio espelho

João Lopes, Cinemax

Chegou, finalmente, às salas um dos filmes maiores do ano cinematográfico português: "A Autobiografia de Nicolae Ceausescu" retraza a história de uma ditadura a partir das imagens da sua própria propaganda.



Que é imagem é esta?

Objectivamente, é uma imagem de Nicolae Ceausescu, dirigente máximo da Roménia, de visita ao seu homólogo da Coreia do Norte, Kim Il-Sung.

Mas o que é isso de uma imagem objectiva?

Convém, de uma vez por todas, escaparmos ao determinismo televisivo e dizer o mais simples: não há imagens objectivas. Nenhuma imagem se confunde com "um" sentido que transporta eternamente e eternamente se renova. Nada disso: entre muitas outras coisas, nítidas ou vagas, racionais e irracionais, uma imagem é sempre qualquer coisa + o seu contexto.

Por isso, importa lembrar que esta é uma imagem do sistema de propaganda da ditadura que Ceausescu dirigiu (até 22 de Dezembro de 1989). Dito de outro modo: uma imagem, das muitas, registadas e difundidas para tentar mascarar a natureza do regime comunista romeno.

Mas é também uma imagem de um outro contexto. Qual? Um filme. Chama-se "A Autobiografia de Nicolae Ceausescu" (2010), e foi realizado por Andrei Ujica. Mais ainda: esse é um filme que se faz apenas com imagens de propaganda do regime de Ceausescu.

Será, então, um "filme de propaganda", datado e ressentido, tentando branquear as arbitrariedades e violências de um regime que a história condenou?

Nada disso. Raras vezes se viu um filme tão subtil e tão exigente na demonstração prática de que a soma das imagens não coincide automaticamente com a soma dos seus "sentidos" parcelares. Bem pelo contrário: através de um prodigioso trabalho de montagem (uma verdadeira narrativa política), "A Autobiografia de Nicolae Ceausescu" consegue mostrar-nos como as forças que trabalham as imagens podem ser ambíguas, desconcertantes, no limite desmacarando-se no próprio espelho em que se contemplam.

É um filme invulgar, invulgarmente inteligente. Sobretudo porque acredita na inteligência do seu espectador. Que inteligência? A de que olhar o mundo não é contemplar uma "reprodução" neutra ou automática. E que as relações entre as imagens estão para além do alarmismo generalizado dos telejornais ou do jogo de escondidas dos "apanhados" e seus sucedâneos.

É um dos filmes maiores do ano cinematográfico português de 2011, desses que nos vêm lembrar a intensidade (e o prazer) do olhar.

O grande ditador

Luís Miguel Oliveira, Público de 25 de Agosto de 2011

Com ditadores, tudo tem frequentemente tendência a ser uma questão de escalas e ordens de grandeza. Uma das coisas fascinantes de "Autobiografia de Nicolae Ceausescu" tem a ver com esta evolução rumo à total desproporção. Quer dizer: nas imagens dos primeiros tempos de Ceausescu como máximo dirigente do regime romeno ainda existe alguma realidade palpável, ainda podemos acreditar que está ali um homem como os outros rodeado de pessoas como as outras - ou seja, ainda não há "monstruosidade". E depois, compare-se isso com aquela alucinante sequência, já do final dos anos 80, quando tudo começava a ruir, e há um congresso em que um desgraçado (não sabemos quem era, se calhar nem era desgraçado nenhum) resolve criticar Ceausescu e apresentar-se como alternativa a ele; pois bem, tudo, nessa sequência (do gigantismo do auditório ao comportamento da plateia, como se fossem todos "clones" uns dos outros) representa já um mundo distorcido, que dispensa o próprio ditador (nesse momento, a presença de Ceausescu é "virtual") mas não se dispensa de ser o seu reflexo, o seu escudo, não se dispensa de ser um mundo refeito e redimensionado em exclusiva função dos desejos daquele que o conduz. Não era nisto que Bazin e Godard pensavam naquela frase que abre "Le Mépris" (e que falava disto: de um mundo substituído por um desejo para o mundo), mas é inevitável pensar

que, por todas as razões e mais alguma, este filme também se podia chamar "O Cinema de Nicolae Ceausescu".

Este exercício de recomposição dos 24 anos do poder de Ceausescu é uma coisa notabilíssima. É denso, é cruel, é irónico, é complexo por detrás de uma aparência de simplicidade sem deixar de ser simples para além de toda a sua aparente complexidade. Ou seja, tanto é um trabalho prático de compilação de documentação (encontrada em milhares de horas de "footage" oficial do regime romeno), como um tratado, dir-se-ia entre a antropologia e a psicologia, sobre este ditador (e não outro qualquer), como ainda uma reflexão teórica sobre o poder e as imagens do poder (porque em certos pontos tudo se encontra, e Ceausescu não é totalmente diverso de outros ditadores de esquerda ou direita, nem mesmo de alguns "democratas"...). Na sua progressivamente alucinada mundanidade (seja perante a Rainha de Inglaterra seja com os operários de uma fábrica), o Ceausescu desta "autobiografia" parece a versão documental do Adenoyd Hinkel de Chaplin (no "Grande Ditador"). Mas, pela estrutura em "flash-back" lançada nos que seriam (sabemos nós, ele talvez não) os últimos momentos da sua vida (o surreal "tribunal popular" que o julgou a ele à sua mulher), pensa-se noutro cidadão que teve o mundo a seus pés, o Charles Foster Kane de Orson Welles. Mas não há "rosebud" nenhum, e Ujica nem sequer monta as (celebérrimas) imagens dos cadáveres do casal Ceausescu: o ditador chega vivo ao fim do filme, mas a sua humanidade, essa, desaparecera muitas imagens antes.



Ceausescu, como um pequeno Robert Mitchum ENTREVISTA

Por: Luís Miguel Oliveira, 26 de Agosto de 2011, P+ublico

"Autobiografia de Nicolae Ceausescu" é a crónica da ascensão e da queda do ditador romeno até às quase burlescas imagens do tribunal popular que o condenou à morte. Em entrevista ao Ípsilon, Andrei Ujica explica como entrou na cabeça de Ceausescu

Andrei Ujica, 60 anos, nasceu na Roménia, mas desde o princípio dos anos 80 que estabeleceu a sua base profissional na Alemanha. Foi aí que começou a realizar filmes, no princípio dos anos 90. "Videograms of a Revolution", feito em 1992 em colaboração com Harun Farocki, e centrado nas transformações políticas do Leste europeu, tornou-se um pequeno "clássico" do cinema de análise político-mediático. A monumental "Autobiografia de Nicolae Ceausescu" que agora chega a Portugal, inteiramente construída sobre imagens de arquivo produzidas pelo regime do "conducator", é ao mesmo tempo um filme histórico - a crónica de um "statu quo" entre a ascensão ao poder de Ceausescu e as quase burlescas imagens do seu julgamento em tribunal popular, em 1989 - e um melodrama psicológico, como se, nos seus instantes finais, Ceausescu revisse a sua vida, e a apresentasse em apologia. Em conversa telefónica, Andrei Ujica ajuda-nos a compreender a natureza das imagens com que trabalhou, e o lugar que Ceausescu - "como um pequeno Robert Mitchum" - habitou dentro delas.

Existe muito material filmado com Ceausescu? Mergulhar nele deve ter sido uma tarefa hercúlea...

Existem milhares de horas. É um material que está dividido por dois arquivos: num estão sobretudo as imagens filmadas para cinema, noutra as imagens para televisão. Para complicar as coisas, é um material que na sua maioria não está indexado, não existe um catálogo.

Como se processou, então, a sua pesquisa para esta "Autobiografia"?

Trabalhei com dois investigadores, que encarreguei de fazerem uma primeira triagem. Dei-lhes indicações tão rigorosas quanto possível para que soubessem exactamente o que procurar, nomeadamente uma lista cronológica detalhada dos acontecimentos mais importantes na vida política de Ceausescu.

Feita essa triagem, trabalhou directamente com quantas horas de filme?

260 horas.

E quando se atirou a essas 260 horas, já tinha uma ideia precisa do filme que ia fazer ou foi descobrindo ao longo do trabalho?

Mais ou menos. Tinha uma ideia da estrutura e tinha o título. Sou daqueles cineastas que têm que começar pelo título... A ideia principal era a estrutura em "flashback", como numa narrativa clássica. Pegar nas imagens de Ceausescu durante o julgamento no tribunal popular, e fazer entrar um retorno temporal. Que funciona como uma espécie de tempo psicológico, como se não se passasse mais do que uma meia dúzia de segundos, mas durante esse tempo toda a vida de Ceausescu lhe desfilasse perante os olhos.

Um dos aspectos decisivos do filme é a total ausência de "pistas" para o espectador. Nem voz "off", nem intertítulos explicativos, o espectador é atirado para o mundo de Ceausescu por sua conta e risco.

É verdade. A questão da narração "off" era fundamental. Quando comecei a trabalhar na montagem tinha algumas dúvidas; uma delas era saber se o filme se aguentava sem voz "off". Depois de ter os primeiros 20 minutos montados, examinei-os cuidadosamente: se sentisse que aquilo precisava de ter uma narração por cima, teria liminarmente desistido de todo o projecto. Para a questão dos intertítulos era mais flexível. Na verdade, no princípio do trabalho estava convencido de que, mesmo pretendendo construir uma narrativa do modo mais directo possível, seria necessário incluir algumas legendas a contextualizar esta ou aquela situação. Mas fui percebendo que a força da narrativa as dispensava, e que as imagens não pediam esse tipo de explicação.

Talvez não seja realmente importante saber isto para perceber o filme, mas é uma pergunta que surge durante o visionamento: qual foi o destino original destas imagens? Foram filmadas para quê, foram vistas como?

Na sua maior parte, foram filmadas por um estúdio que tinha a incumbência de produzir documentários sobre a vida oficial da Roménia. Propaganda de estado, basicamente, segundo um modelo decalcado do que acontecia na URSS. Estavam sempre presente em tudo o que era cerimónia protocolar ou acontecimento oficial. Mas é preciso dizer que Ceausescu gostava de ser filmado, tinha um prazer pessoal nisso. Normalmente, era filmado durante uma hora por dia. Agora faça as contas: uma hora por dia durante 20 e tal anos... Dá qualquer coisa próxima das 9.000, dez mil horas... E para além dos documentários havia a televisão, que também o seguia para todo o lado. É curioso que há muito material "duplicado", muitos acontecimentos que foram

filmados, com ligeiras diferenças, pela equipa da televisão e pela equipa do cinema. Depois as imagens eram vistas, essencialmente, de duas maneiras: ou na televisão, onde Ceausescu falava todos os dias, numa espécie de programa de crónica política, ou no cinema, nos "newsreels" que tradicionalmente antecediam a projecção de uma longa-metragem de ficção. Mas atenção que boa parte do que era filmado nunca chegava a ser visto, nem sequer montado. Na "Autobiografia" incluí alguns destes "rushes", que nem sequer tinham som.

Obviamente, o cinema, e a imagem em geral, foi importante para o regime de Ceausescu. Mas, e não sei se será uma ideia errada, esta não parece uma propaganda especialmente sofisticada, se levarmos em conta o que conhecemos de outras ditaduras célebres, comunistas ou de outro género...

Não, não era muito sofisticada... No entanto, o filme deixa de fora a maior parte da propaganda mais espectacular; praticamente só vemos a propaganda quotidiana, muito simples. Mas também é verdade que essas tentativas de encenar grandes acontecimentos de propaganda foram sempre um fracasso. Ceausescu tentou, é certo, copiar os exemplos célebres, mas aquilo nunca resultou muito bem. Nesse género, Kim Il-Sung é que foi imbatível: para mim, ele foi o perfeito "link" entre Leni Riefenstahl, o "proletkult" estalinista, e os musicais da Hollywood dos "forties"...



E para além de, como disse, "gostar de ser filmado", que importância e que empenho conferia Ceausescu a esta propaganda filmada?

Por natureza, e não apenas porque os tempos eram outros, Ceausescu não era uma pessoa obcecada com os media. Não era uma "figura mediática" no sentido moderno do termo. Penso que ele acreditava sinceramente na necessidade de construir uma memória histórica, e essa era a importância maior que dava a esta incessante cobertura das suas palavras e das suas deslocações. Não distinguia entre a vida oficial e a vida privada, para ele era tudo o mesmo, e de tudo era importante guardar memória histórica. Havia uma crença ideológica muito simples: cada qual deve fazer o seu trabalho. Para Ceausescu, tudo isto fazia parte do seu trabalho. E ele desempenhou-o, pelo menos ao princípio, de forma muito minimalista, como um pequeno Robert Mitchum. Ceausescu era um profissional, e comportava-se como um profissional.

E tinha a noção de que ser um actor, desempenhar um papel, era uma das suas atribuições profissionais?

Perfeitamente. Julgo que para ele era perfeitamente claro que o seu trabalho era um trabalho de actor. Tinha um papel a desempenhar, um papel ideológico. Fazia-o convictamente, porque acreditava mesmo nesse papel e na ideologia que ele representava. É isso que lhe dá uma dimensão shakespeariana. Ceausescu, de certa maneira, foi uma vítima da sua crença, não foi certamente um oportunista como muitos outros dirigentes do Bloco de Leste. Era um tipo sério, genuinamente convicto e compenetrado no seu papel. Austero e minimalista. Como esse grande actor Robert Mitchum. Uma vez perguntaram a Mitchum por "estilos de representação" e ele respondeu que só conhecia dois: "com cavalo e sem cavalo". Ceausescu diria o mesmo: ou há cavalo ou não há cavalo.